



Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.
Amor é a lei, amor sob vontade.
A palavra da lei é
Θελημα

Anno Vviii

☉ in 1° ♄, ☾ in 29° ♃

Dies Solis

20 de Abril de 2025 e.v.

Colegiado dos Eremitas no Monte Abiegnus:

De Sacrificio Consummato Epistola¹

Sobre o Sacrifício Consumado: A Preparação do Adeptus Exemptus para a Travessia do Abismo.

Ad Sororem Arcana Nox, Probationem A:A:.,

Soror dileta,

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

I. De Limine Abysmi – No Limiar do Abismo

Na estrutura da A:A:., o grau de Adeptus Exemptus 7°=4^o representa o último estágio da Segunda Ordem, a R.R. et A.C. (*Rosae Rubeae et Aureae Crucis*), e corresponde à esfera de Chesed na Árvore da Vida. Ele é o limiar do Abismo e o portal simbólico da rendição do Ego à Vontade Divina. O título *Exemptus* denota o estado de isenção das obrigações da personalidade inferior: o Adepto agora se liberta da ilusão da *identidade autocentrada*, mas ainda não atravessou o Vazio de Daath. Seu trabalho é de preparação — profunda, silenciosa e integral — para a travessia do Abismo e o ingresso na Terceira Ordem.

Conforme *Liber Vesta* (versão do *Outer College Brasil*), o Adeptus Exemptus veste o Robe Lilás, com o capuz portando o Olho de Hórus dentro do Triângulo dourado sobre a testa, e com a Rosa-Cruz sobre o peito. Este último é o

¹ *De Sacrificio Consummato* significa literalmente *Sobre o Sacrifício Consumado*. Essa epístola descreve o último gesto do Adeptus da Segunda Ordem: a preparação consciente, amorosa e ritual para dissolver-se no Abismo e renascer como silêncio em Binah. A Rosa-Cruz torna-se Taça. A Palavra torna-se Silêncio. O Adepto torna-se o Voto. Tal é o verdadeiro *Consummatum Est* da Grande Obra.

emblema da integração de todas as forças: os quatro elementos, os quatro mundos, os quatro véus do Paraíso. A Cruz é a Obra levada à plenitude da forma. O Adepto que a ostenta sobre o coração compreende que deverá, em breve, destruí-la.²

Chesed, regido por Tzadkiel e pelo planeta Júpiter, é a esfera da Majestade, da Bênção e da Autoridade Espiritual. Seu número, 4, representa a base sólida da manifestação, enquanto o grau 7 expressa a perfeição do microcosmo sob governo. O *Exemptus* une essas dimensões: ele não governa mais a partir do centro do Ego, mas como reflexo da harmonia do *Logos*. Seu saber é solar, mas seu destino é lunar: pois o próximo passo é mergulhar em Binah. Em outras palavras, trata-se do primeiro grau plenamente solar da iniciação, aquele no qual o Ego começa a ser diluído não pela renúncia passiva, mas pela obediência amorosa ao *Logos* Interno. O número 7 representa a totalidade do microcosmo sob governo, e 4 é o número da manifestação — a cruz da matéria. O Adeptus Exemptus une esses princípios: ele governa com sabedoria aquilo que antes desejava dominar por vontade pessoal.

A função essencial do Adeptus Exemptus é renunciar à Obra do Adepto Menor — isto é, ao estágio em que o Sagrado Anjo Guardião é a meta central — e preparar-se para o Voto do Mestre do Templo. Esta transição não é intelectual: é espiritual, alquímica e sacrificial. Como lemos em *Liber Aleph* (Cap. CLVII): *Agora debes abandonar tua Vara e tua Taça, tua Espada e teu Pantáculo, como se fossem instrumentos da Magia inferior, quando te aproximares da Obra superior*. Ou seja, o Adepto deve abandonar os instrumentos da Obra mágica inferior — os mesmos com que construiu e consagrou sua Vontade — e dispor-se à dissolução, ao sacrifício, à travessia. Este é o mistério da Taça de Babalon: não mais conquistar, mas ser derramado. A Rosa-Cruz que ele carrega no peito simboliza exatamente isso: o ponto final da Obra do Tiphareth, e o início da dissolução em Binah.

O Adeptus Exemptus é um teurgo. Ele já domina os Rituais Menores e Maiores, mas sua prática agora se aprofunda em:

- *Liber HHH* – especialmente as práticas de MMM, OOO e VVV, que preparam a mente, a alma e o espírito para a renúncia à personalidade.
- *Liber E* e *Liber Yod* – mantêm o corpo e a mente sob disciplina rígida, pois a travessia do Abismo exige vigor e silêncio.
- *Liber 418* – o estudo e meditação dos *aethyrs*, especialmente do 15º ao 8º, revela ao Exemptus a verdadeira natureza da Mulher Escarlate, de *Babalon* e do Voto que será feito.

² O Olho de Hórus dentro do Triângulo sobre a testa (símbolo da Visão Interior) e a Rosa-Cruz sobre o peito — emblema da integração alquímica dos quatro elementos, do *Tetragrammaton*, e da união dos opostos. Ele já dominou o simbolismo da Cruz e está prestes a sacrificar sua centralidade no Cosmos em nome do Vazio.

- *Liber 333* – alimenta seu espírito com paradoxos, conduzindo ao esvaziamento da razão.

A principal virtude do Exemptus é o Silêncio. Não se trata de mudez, mas da contenção ritual do Ego. O Exemptus aprende a ser um reflexo puro, um espelho, uma estrela. Ele compreende, pela meditação nos *Livros Sagrados* — aqueles em Classe A — que a passagem à Obra superior requer sacrifício, esvaziamento e pureza absoluta. Como lemos em *Liber 418* (15° *aethyr*): *O Voto que farás será o voto da destruição de ti mesmo; pois a Taça será preenchida com teu sangue*. E em *Liber VII* (V:48 – *Sanguis in Cælo Scriptus*, i.e. *O Sangue Escrito no Céu*): *Então seu sangue jorrará e escrever-me-á runas no céu; sim, escrever-me-á runas no céu*.³ Este é o caminho da Taça, não da Espada. Não há disputa nem conquista: há entrega. O Silêncio do Exemptus é o limiar da destruição voluntária, e sua virtude é dispor-se a ser inscrito nas estrelas — com o próprio sangue. O Exemptus contempla o Abismo como quem contempla a Morte. Como descrito em *Liber VII* (III:41 – *Scorpio Inter Ignem Inclusus*, i.e. *O Escorpião Encerrado entre Chamas*), ele sente: *Minha própria alma morde a si mesma, como um escorpião cercado de fogo*.⁴

Esse estado é necessário. Ele vive o paradoxo da exaustão antes do êxtase, como ensina *Liber LXV* (IV:28–29 – *De Somno Sacro et Exhaustione Gloriosa*, i.e. *Do Sono Sagrado e da Exaustão Gloriosa*): *Então eu conheci o êxtase que é anterior à dor, e o êxtase que é posterior à dor, mas jamais conheci o êxtase que é entre a dor, que é o êxtase de dor. Esse êxtase de dor foi exaurido no cansaço, e o cansaço foi exaurido no sono, e o sono foi exaurido na morte, e a morte foi exaurida no esquecimento, e o esquecimento foi exaurido na consciência, e a consciência foi exaurida na união. E essa união é o amado. O corpo está cansado, mas a alma permanece em vigília ritual*.

Esses dois versículos ilustram perfeitamente o estado necessário à iniciação silenciosa do Adeptus Exemptus: *exausto de tudo, exceto da alma desperta*.

O trabalho do Exemptus inclui a redação de sua Tese Iniciática, que sintetiza sua compreensão do Cosmos, sua experiência do Anjo, e os fundamentos de sua futura travessia. Essa Tese é um ato de memória ritual: não é prova, é oferta.

O Adeptus Exemptus está à beira do Nada. Ele é o Príncipe coroado com silêncio, a Rosa prestes a ser diluída no Cálice. Como nos ensina *Liber AL vel Legis* (I:44): *Pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda via perfeita*.

³ o sangue que jorra do Adepto Exemptus como inscrição celeste, sinal do sacrifício consumado e da consagração eterna da Vontade.

⁴ Este título evoca fortemente o simbolismo alquímico e astrológico do Escorpião (*Scorpio*) como arquétipo do sacrifício, da morte iniciática e da transmutação pelo fogo interior — especialmente apropriado para passagens associadas ao Grau de Adeptus Exemptus ou à travessia do Abismo.

Sua renúncia não é desistência: é retorno ao Centro. Ele deixa de ser Adepto para tornar-se o Caminho. Não há mais Eu: apenas Estrela.

II. *De Vera Initiatione – Sobre a Iniciação Real*

A iniciação na A·:A·: não é um rito de admissão a um grupo, tampouco uma cerimônia que transfere status externo. Trata-se de uma mutação real da consciência, um ato de nascimento interior, repetido sob diferentes formas e graus ao longo do Caminho. O sistema místico e mágico estabelecido por Aleister Crowley e George Cecil Jones não é arbitrário: ele reflete, com rigor científico e simbólico, as fases reais do desenvolvimento da alma, da condição humana ordinária à incorporação consciente da divindade que cada homem e cada mulher são. Essa escalada, que parte das sombras do mundo sensorial rumo ao fulgor incondicionado do Espírito, é representada cabalisticamente na *Árvore da Vida*, cujas *sephiroth* e caminhos assinalam não apenas estados de consciência, mas também experiências interiores, provas, instrumentos e realizações da alma.

A iniciação começa com um chamado: algo interior, mesmo que ainda confuso, pressiona o ser humano a buscar a si mesmo. O grau de Probacionista marca esse primeiro compromisso com a Obra, um estágio de purificação e autocohecimento. Não se espera ainda uma compreensão plena, mas uma entrega sincera, um fogo de aspiração que purifica e ilumina. A partir desse momento, a alma percorre os graus da Primeira Ordem, cada qual refletindo um aspecto mais elevado da natureza humana sendo despertado, disciplinado e integrado. No grau de Neófito, a Vontade começa a ser descoberta; no grau de Zelador, o corpo e as emoções são alinhados; no de Practicus, a mente é forjada; e no de Philosophus, o fogo do coração é aceso.

Mas o objetivo da Primeira Ordem não é outro senão conduzir o Aspirante à Experiência central da A·:A·: o Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião. Esta não é uma metáfora, mas um fato: uma Presença distinta, eterna e soberana se revela ao aspirante — uma instância da Vontade divina expressa na linguagem do indivíduo, com Amor e Poder. Essa realização, ocorrida em Tiphareth, inaugura a Segunda Ordem. A partir daí, o Adepto Menor aprende a viver em comunhão com essa Inteligência, a julgar todas as coisas a partir de sua Luz, e a destruir os ídolos do Ego com a espada da Verdade interior.

No interior da Segunda Ordem, o processo torna-se mais sutil e radical. A alma deve aprender a amar sob Vontade — um amor que é energia organizada, não desejo pessoal —, e a unir misticamente as forças opostas que constituem sua natureza. A iniciação já não é apenas disciplina ou conquista: é sacrifício. A

subida em direção à Tríade Superna — Binah, Chokmah, Kether — exige a travessia do Abismo, uma prova de dissolução total onde o Adeptus Exemptus, ao se lançar como um *Bebê do Abismo*, deve abandonar até mesmo a luz de seu Anjo, confiando que nada restará senão a Verdade pura. É nesse salto que nasce o Mestre do Templo, aquele que habita a Cidade das Pirâmides, cujo silêncio é o reflexo da Realidade Absoluta. A iniciação, agora, não é mais feita para si mesmo. O iniciado se torna receptáculo e veículo da Vontade da Estrela.

O Caminho é traçado por símbolos, mas realizado com sangue, suor e lágrimas. Cada grau exige provas interiores e transformações reais. A magia, o *yoga*, os rituais, os votos e os instrumentos não são adornos: são formas precisas de operar mudanças na alma, em sintonia com as leis universais. O diário mágico, a vigília do corpo, o silêncio da mente, os sacrifícios da vida cotidiana — tudo isso são partes do mesmo processo de alquimia interior que conduz da ignorância à *gnōsis*, da fragmentação à Unidade.

Em *Liber VII* (V:48 – *Sanguis in Cælo Scriptus*, i.e. *O Sangue Escrito no Céu*): *Então seu sangue jorrará e escrever-me-á runas no céu; sim, escrever-me-á runas no céu*. Esta parábola encerra, com precisão absoluta, o mistério do sacrifício consciente no sistema da A·A·:. O sangue que jorra do Iniciado não é apenas morte ou entrega: é escritura celeste. Cada gota vertida no Caminho — cada dor, cada renúncia, cada êxtase — não se perde, mas inscreve-se na eternidade. O céu aqui não é um local geográfico, mas o registro místico da Obra realizada em Verdade. Este é o testamento do Adeptus Exemptus que se lança ao Abismo: que seu sangue seja palavra viva escrita nas estrelas.

A A·A·: não oferece salvação, mas Verdade. Não promete segurança, mas libertação. E não exige fé, mas vontade perseverante. Aquele que aspira deve ser como aquele que, tendo sido esmagado *no lagar do Teu amor* (*De Torculari Amoris* — *Liber VII*, V:56), deseja ainda mais entrega: pois o vinho que daí brota é *a verdadeira tintura de ouro infalível* (*De Vini Tintura Aurum Faciens* — *Liber LXV*, VI:13). A iniciação exige coragem para contemplar a própria alma como deserto, onde surgirá *uma serpente brilhante, toda formada de olhos* (*De Serpente Oculorum Plena* — *Liber LXV*, II:17), cujo sibilar não fere, mas instrui. E então, aquele que não recuar verá que aquilo que parecia morte — *como uma legião de escorpiões sobre a areia do deserto* — é, na verdade, *uma imagem pálida de ouro fino* (*Imago Aurea Inter Arenas* — *Liber LXV*, II:18).

Ao reconhecer esse reflexo, o Adepto se oferecerá em sacrifício total, e *seu sangue jorrará e escreverá runas no céu* (*De Sanguine in Cælo Scripto* — *Liber VII*, V:48). Ele será consumido pela chama da pira, tal como lemos: *Suba na chama da pira, ó minha alma!* (*De Pyræ Flamma Ascendens* — *Liber VII*, I:38). E, por fim, como está escrito no mais secreto dos versículos: *Quando Tu me conheces, ó Deus vazio, minha chama expirará totalmente em Teu grande N.O.X.* (*De N.O.X. et Extinctione Lucis* — *Liber VII*, I:40).

Esta é a senda da Criança Coroada e Conquistadora: não há mais distinção entre Anjo e Homem, pois aquele que morreu voluntariamente se tornou a própria Luz. Ele irradiou sua pequena chama no seio da Noite Absoluta — e nela repousa, silencioso e eterno.

III. *Consummatio – O Trabalho Silencioso do Exemptus*

O Adeptus Exemptus é aquele que alcançou Chesed, a esfera de Júpiter, e estabeleceu em si um domínio sereno sobre os quatro elementos, os três veículos e o centro solar que governa o microcosmo. Tendo atravessado a Segunda Ordem da A.:A.:, esse iniciado já consolidou o Conhecimento e Conversação com seu Sagrado Anjo Guardião e não atua mais sob o império da dúvida ou da fragmentação interior. Sua mente é um trono em equilíbrio. Sua Vontade, uma estrela estabilizada no firmamento. Mas esse equilíbrio é o prelúdio de um sacrifício ainda maior. O Adeptus Exemptus não é o ponto final da Obra: é o limiar do fim.

A esse grau corresponde a função do legislador, do administrador espiritual, daquele que organizou sua alma em torno do Verbo recebido. Seu símbolo é a Rosa-Cruz: o encontro das forças complementares em uma unidade alquímica silenciosa. O robe lilás que reveste o Exemptus, segundo os padrões rituais da Ordem, não é apenas uma vestimenta, mas o reflexo externo de uma integração interna: é a aura da misericórdia que se impôs sobre a severidade; é a floreação mística da justiça que não julga mais como homem, mas como reflexo de Tiphareth. Seu capuz carrega ainda o Olho no Triângulo, símbolo do Silêncio da Visão. Ele vê, mas não intervém. Ele compreende, mas não age compulsivamente. Sua palavra não é mais sua: ela já é linguagem do Anjo.

Mas é precisamente porque chegou a esse ponto de equilíbrio que o Adeptus Exemptus deve, enfim, quebrar sua própria obra. Toda a estrutura que ele erigiu — o conhecimento, a prática, os graus, a luz — deverá ser sacrificada no limiar do Abismo. Pois diante de Daath, o Vazio de toda forma, o iniciado percebe que a Verdade só pode ser absorvida por aquele que nada mais retém. O Exemptus, então, prepara o Voto. Não é um Voto de virtude, mas de dissolução. Ele deve se oferecer como um *Bebê no Abismo*, abandonando não apenas o mundo, mas a si mesmo, a fim de ser recolhido nas águas de Binah.

Durante essa preparação, o Adeptus Exemptus entra em reclusão ritual. O mundo externo se torna simbólico. Os relacionamentos, os estudos, as palavras — tudo deve ser filtrado pela necessidade de silêncio. Ele compreende que toda conquista anterior foi apenas o vaso sendo moldado, e que agora é necessário preenchê-lo com sangue, até que ele próprio desapareça. É nesse estágio que se manifesta o paradoxo descrito nas parábolas de *Liber VII* e *Liber*

LXV. Sua alma morde a si mesma, como o escorpião cercado pelo fogo. Seu corpo está cansado, mas nele ainda pulsa a certeza do êxtase. Ele é o viajante que chega à beira do deserto e se deita na areia, não para morrer, mas para esperar a estrela. O trabalho do Adeptus Exemptus é um gesto de transição que não se vê com os olhos: é uma morte em câmara lenta, uma dissimulação alquímica, um desapego ritual.

O Exemptus, antes de lançar-se ao Abismo, deve sintetizar em palavras toda a sua trajetória — não para provar-se, mas para deixar à Ordem um testemunho. Essa tese não é um tratado filosófico: é um grito ritual. É a voz do iniciado que, tendo vivido cada estação da Árvore, entrega ao mundo um mapa que só pode ser lido por quem já percorreu as mesmas sombras. Ele escreve como quem verte. Cada palavra é um véu, e cada véu, uma oferenda.

Se o Adepto Menor lutou para se tornar Sol e o Adepto Maior reintegrou esse Sol ao Templo, o Adeptus Exemptus apaga o Sol em nome do Vazio. Ele já não caminha. Ele paira. E nesse silêncio está a consumação de tudo. Sua aspiração já não é saber. É não-ser. Seu verdadeiro trabalho é preparar-se para deixar de existir — não com tristeza, mas com uma alegria que apenas o Silêncio de Binah pode traduzir.

Aquele que chegou até aqui já não precisa perguntar. Ele sabe. Mas o saber que possui é uma ferida: uma estrela aberta no meio da testa. E dessa estrela escorre o orvalho do Silêncio — aquele que anuncia o nascimento da Criança em Kether. Tal é o trabalho do Exemptus: construir o altar onde será sacrificado, e sorrir enquanto o faz. Pois tudo o que construiu foi para isso — para ser derrubado, e então, por fim, consumado.

Parábola Final: *Lux Occulta in Abysson – A Luz Oculta no Abismo (Liber LXV, I:53-4): Mesmo na escuridão do Abismo, há uma luz; E essa luz é como o olhar do morto que se lembra da aurora. Pois ele morreu por amor, e seu amor era verdadeiro.*

Essa parábola exprime o coração do voto do Exemptus. Ele não abandona a Luz por desprezo, mas por Amor. A *luz no Abismo* não é aquela que guia: é a que sobrevive à morte. Cabalisticamente, é a centelha de Kether no seio de Binah. Alquimicamente, é a *fixatio* do espírito no *putrefactio* do Ego. Astrologicamente, é Saturno, senhor do tempo e do limite, entregando-se ao Sol além da forma. Thelemicamente, é o olhar daquele que, mesmo destruído, sorri — pois conheceu o *amor sob vontade*, e nele repousa, eterno.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Fraternalmente,
Frater AHA-ON 777 ∴ 8°=3°

Praemonstrator do Outer College Brasil